

11 DE JULHO

S. Bento

Fundador, Patrono da Europa (480-547)

S. Bento, o patriarca dos monges do Ocidente, pode comparar-se com Abraão, o pai dos crentes, porque Deus lhe concedeu também uma posteridade mais numerosa que as estrelas do céu e as areias à borda do mar.

Nasceu em Núrsia, na Úmbria, Itália, pelo ano de 480, de família nobre, e morreu em Montecassino, em 21 de Março de 547, com grande fama de santidade. Enviado pelos pais a estudar em Roma, depressa abandonou os estudos, chocado pelo ambiente imoral que reinava entre os discípulos. [Na realidade, esse era o ambiente geral da sociedade que, desde o séc. IV, permitiu a queda do império]. Refugiou-se, em Effide (actualmente Affile), e depois, numa caverna existente no vale do Aniene, perto de Subiaco, onde se consagrou à oração e à penitência.

Passados duros 20 anos de penitências, lutas espirituais e intrigas do exterior, viu-se obrigado, por amor da paz e para seguir os caminhos de Deus, a refugiar-se na montanha de Cassino (Montecassino), no meio da planície da Campânia. Aí fundaria o Mosteiro que foi e permanece berço e centro da Ordem Beneditina. No lugar do templo de Apolo e Júpiter, levanta as igrejas de S. Martinho e S. João. A graça de Deus acompanha-o e fá-lo triunfar, no meio de toda a espécie de adversidades.

Em Subiaco, redigiu a *Regra dos Mosteiros*, para os 12 mosteiros que ali nasceram à sua volta. Em cada mosteiro colocou 12 monges e um abade, reproduzindo, simbolicamente, o colégio apostólico, sob a direcção de Cristo. Nobres romanos entregam-lhe os filhos, tais com Equício e Tertúlia que lhe deixaram Amaro e Plácido, a quem dedicara sempre terno e profundo carinho, pela sua irrepreensível obediência e caridade.

Em Montecassino estabelece a Regra definitiva da Ordem. Com a iluminação que lhe vinha da união íntima com Deus, a regra de S. Bento, ainda em vigor passados 1400 anos, é fruto dum espírito romano versado em leis, com talento prático e organizador, mas sobretudo de alguém, perfeita e intimamente, unido a Deus. Inspirado na Sagrada Escritura, nas obras dos Santos Padres e Doutores da Igreja, e sobretudo na Regra de S. Basílio, fez uma adaptação pessoal, uma síntese maravilhosamente acomodada ao espírito ocidental. É a Regra da vida cenobita, quer dizer, vida em comum, para se adquirir a perfeição do Evangelho. Os dois eixos sobre os quais gira toda a vida em comum, segundo S. Bento, são a obediência e o trabalho. A primeira exige do súbdito muita fé e muita humildade, e do superior, muita caridade e muita prudência. O trabalho deve ser espiritual e manual: trabalho interior da alma que se santifica com a oração, a meditação e os louvores divinos e trabalho exterior literário ou manual, a que se obriga rigorosamente o monge.

Bossuet chamou à Regra de S. Bento, a «*Suma do cristianismo, resumo douto e misterioso de toda a doutrina do Evangelho, das instituições dos Santos Padres, de todos os conselhos de perfeição, na qual atingem o seu mais alto apogeu a prudência e a simplicidade, a humildade e o valor, a severidade e a doçura, a liberdade e a dependência, na qual a correcção encontra toda a firmeza, a condescendência todo o encanto, a voz de comando todo o vigor, a sujeição todo o repouso, o silêncio a sua gravidade, a palavra a sua graça, a força o seu exercício e a debilidade o seu apoio*».

Muitos foram, sem dúvida, os milagres que S. Bento realizou, mesmo em vida. Uns criticamente mais comprovados, outros porventura acrescentados pela tradição popular (a legenda, tão importante para estabelecer os traços da alma). [Apresentaremos, em anexo, um resumo do *Flos sanctorum*, págs. 517-525, de Pedro Ribadeneyra, Barcelona 1790]. Uns e outros compõem a biografia, a hagiografia e iconografia deste homem virtuoso e santo.

Mas há um que é indiscutível e, fora de dúvida o maior: a reforma e a união da Igreja que, em tempos tão controversos, se deu, a gestação de uma alma europeia que se definiu com

meridiana clareza, e se difundiu por todos os continentes, e a expansão extraordinária deste grande movimento.

Quando o espanto é muito grande, pode acabar por gerar a importuna dúvida. S. Gregório Magno (papa), 50 anos depois da morte de S. Bento, responde: *«Porque admirar que tivesse o poder divino quem estava iniciado nas divinas intimidades? E como não havia de conhecer os segredos da Divindade, uma vez que observava os seus mandamentos? Pois está escrito: "Quem se une ao Senhor, constitui com Ele um só espírito" (1 Cor 6, 17). E parece impossível, quem é um mesmo espírito com outro, deixar de conhecer os seus pensamentos»*. E o mesmo S. Gregório nos conta um facto que revela a sabedoria divina de S. Bento [*viver na dependência absoluta de Deus – perspectiva de uma alma, em qualquer tempo*]: *«À janela invocava a Deus todo-poderoso e, de repente, no meio das trevas viu uma luz que descia do céu e desfazia a noite. Era mais brilhante que o dia mais claro. Nesta visão passou-se uma coisa admirável, porque, segundo ele contava, o mundo inteiro apresentou-se-lhe aos olhos condensado num raio de sol»*.

Bento XVI, citando o seu antecessor S. Gregório Magno, condensa: *"O homem de Deus que brilhou nesta terra com tantos milagres não resplandeceu menos pela eloquência com que soube expor a sua doutrina" (Dial. II, 36)»*.

Para que se possa compreender melhor a hagiografia e iconografia do santo, dever-se-á ter em conta as circunstâncias do tempo e das mentalidades. É isso que Bento XVI nos quer dizer: *«São Gregório Magno narra também, neste livro dos Diálogos, muitos milagres realizados pelo Santo e, também aqui, não quer narrar simplesmente algo de estranho, mas demonstrar como Deus, admoestando, ajudando e também punindo, intervém nas situações concretas da vida do homem. Quer mostrar que Deus não é uma hipótese distante colocada na origem do mundo, mas está presente na vida do homem, de cada homem»*. E ainda (Audiência geral 9 de Abril de 2008: *«Esta perspectiva do "biógrafo" explica-se também à luz do contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI, que o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso",*

«Gregório queria indicar, nesta situação atormentada, precisamente aqui, nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, Insegnamenti, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua Regra revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou, no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando, depois da queda da unidade política criada pelo império romano, uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa"».

Pio XII chamou-lhe pai da Europa. Paulo VI proclamou, em 24 de Outubro de 1964, São Bento Padroeiro da Europa.

CULTO

Patrono dos beneditinos, S. Bento tornou-se popular, especialmente, entre nós. A explicação deve ser encontrada na influência que Cluny teve em Portugal, na sua identificação como país independente (Conde D. Henrique da Borgonha, sobrinho neto do grande abade S. Hugo de Semur), na profusão de mosteiros que aderiram à reforma ou aos costumes cluniacenses e, depois, alguns a Cister. Pode dizer-se que a nação portuguesa nasceu à sombra de S. Bento. A sua festa, hoje em 11 de Julho (data da trasladação das relíquias de Fleury ou St Benoît-sur-Loire para Montecassino), foi outrora em 21 de Março (data da morte).

Invocações: Era invocado contra o veneno, a erisipela, cálculos renais e para obter a boa morte.

Patrono de associações: agricultores e camponeses, profissionais de química e engenharia, espeleólogos e arquitectos.

ICONOGRAFIA

É representado ora imberbe, ora barbudo. Vestido com uma cógula (túnica larga com capuz) negra [Cistercienses, camalduenses e olivetanos representam-no com cógula branca], o livro da Regra e o báculo de abade.

Atributos: um vaso partido, as varas da penitência, um vaso donde sai uma serpente venenosa e um corvo que leva (retira) no bico pão envenenado.

Figuras: Bento junto de Cristo abençoando Cluny, escapando a uma tentativa de envenenamento, colocando um dedo sobre os lábios, com um vaso sobre o livro e um corvo a seus pés.

Ciclos e cenas: Cenas da legenda alusivas ao antigo e novo Testamento, em capitéis historiados e outras cenas. Bento ajoelhado diante da ama rogando a Deus que actue sobre o vaso partido, para que fosse recuperado, etc. As cenas decalam as narrativas da legenda (a Legenda áurea ou as variadas edições do “Flos sanctorum”).

MA